

A televisão e o vídeo em sala de aula: uma experiência realizada com professores e alunos de História

Maria Elizabete Souza Couto

Professora na Universidade Estadual de Santa Cruz – UESC, Ilhéus-BA.

Doutora em Educação pela Universidade Federal de São Carlos – UFSCar, São Paulo.

E-mail: beta6@terra.com.br

Nas últimas décadas, a sociedade brasileira vivenciou mudanças perceptíveis devido à implantação das novas tecnologias presentes no cotidiano, fazendo-nos entender que tais alterações modificam a vida das pessoas na sociedade contemporânea, na qual as descobertas científicas e os avanços tecnológicos geram acontecimentos e rupturas de paradigmas. Ao fazer uma retrospectiva do período da colonização até os dias atuais, as transformações ficam evidentes ao considerar que, quando os portugueses aqui chegaram, as novidades, notícias e descobertas eram comunicadas a outros povos, no caso os europeus, por meio das caravelas, que eram embarcações pequenas, leves e seguras. Muitas vezes, essas notícias levavam entre três e cinco meses para atingir o seu destino, o que, segundo Braudel¹, é um tempo longo. Mas é preciso compreender essa longa duração para entender os dias atuais.

Hoje, se analisarmos esse processo com o *olhar* do tempo histórico, fica evidente o progresso científico e tecnológico e, em especial, o da tecnologia da comunicação, começando pela imprensa, o telégrafo, o telefone, o rádio, a televisão, o fax, o celular, os satélites de comunicação, o computador, a internet etc., fazendo com que o homem perceba o constante e permanente movimento com as rupturas de paradigmas.

Na escola, essa discussão e as preocupações tiveram início com a implantação do Projeto TV Escola, em 1996, quando o MEC equipou com o *kit tecnológico* (televisão, vídeo e antena parabólica) os colégios públicos com mais de cem alunos matriculados, a fim de proporcionar melhorias de ensino ao utilizar a educação aberta, continuada e a distância.

EXPERIÊNCIA

1. BRAUDEL, Fernand. *História e Ciências Sociais*. Tradução Carlos Braga e Inácia Canelas. 2. ed. Portugal: Editorial Presença, 1976.

Pautando-se nessas preocupações, esta pesquisa objetivou analisar as modalidades de utilização da televisão e do vídeo em classes de 5ª série do Ensino Fundamental, a relação dos conteúdos dos programas de televisão e filmes selecionados com os conteúdos de História estudados e verificar até que ponto esses conteúdos permitem preparar os alunos para responder a desafios socio-culturais na sociedade contemporânea.

A escolha da disciplina História foi pertinente por se considerar que seu objetivo é contribuir para a formação da identidade do sujeito, além da relação dos conteúdos programáticos estudados na 5ª série e a aproximação dos festejos dos 500 anos do descobrimento do Brasil. A escola pesquisada situa-se na cidade de Ilhéus, onde também está localizada a região que se convencionou chamar *Costa do Descobrimento*.

Fazendo uma inter-relação entre a Educação e o ensino de História, entendemos que a história estudada hoje não é linear, não é mais “a história do individual, das singularidades de uma época, sintetizada na idéia de uma narrativa dos grandes fatos e dos grandes vultos. O que está em questão [...] é o desvelamento das especificidades de épocas históricas”².

O cotidiano e a vivência do ser humano devem ser discutidos com os alunos, para que eles entendam a importância de estudar História e possam sentir-se participantes do processo histórico, questionando o mundo, interpretando os acontecimentos, observando as mudanças e as permanências para entender o elo entre o passado e o presente.

OS CAMINHOS DA PESQUISA

A pesquisa realizou-se durante o primeiro semestre letivo de 1998, em uma escola do Ensino Fundamental da rede pública municipal da cidade de Ilhéus-BA. Configurou-se como um estudo de caso por relacionar-se a uma realidade concreta na qual se distingue um problema com objeto de estudo delimitado, considerando as peculiaridades do seu contexto escolar. Fez parte da pesquisa um plano de intervenção para atender às diferentes expectativas das duas professoras de História das 5^{as} séries, em cinco classes nos turnos matutino e vespertino.

As técnicas de coletas de dados utilizadas foram:

- 1) *Observação* em sala de aula em três momentos: a) aula sem utilização de televisão e vídeo; b) aula com utilização de televisão e vídeo, conforme o conhecimento das professoras; c) aulas com televisão e vídeo (momentos da intervenção).
- 2) *Entrevistas* com as duas professoras antes e após a intervenção. Foram entrevistados trinta e três alunos, além do diretor, do vice-diretor, das duas supervisoras da escola e da responsável pelo Programa Videoescola na Diretoria Regional de Educação e Cultura – DIREC/06, sede em Ilhéus.
- 3) *Questionários* com quarenta e um alunos.

2. CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo (Orgs.). *Domínios da História: ensaios de teoria e metodologia*. Rio de Janeiro: Campus, 1997. p. 402.

O trabalho das professoras foi o ponto de partida da análise, uma vez que a intervenção desenvolveu-se com duas professoras de História. As entrevistas com as docentes deram o suporte necessário à análise dos dados, enquanto as entrevistas e os questionários dos alunos, diretoras, supervisoras e técnica da DIREC/06 serviram como extensão ao depoimento das professoras.

Discutindo a utilização da televisão e do vídeo em sala de aula

Para compreender o elo entre o passado e o presente, e vice-versa, utilizamos doze filmes (Quadro 1), por levar em conta que a imagem extrapola o conteúdo do livro-texto, revelando aspectos da realidade obscuros para professores e alunos, e porque “muito mais do que ilustração acompanhando e comentando, a imagem se tornou parte integrante da elaboração de um discurso”³.

Quadro 1 – Filmes e conteúdos

CONTEÚDOS (5ª SÉRIE)	FILMES
1. A concorrência espanhola	O último estuário ⁴
2. A viagem de Cabral e a posse do Brasil	O paraíso que Cabral descobriu ⁵ As grandes navegações ⁶ A viagem de Vasco da Gama ⁷ Das caravelas ao ônibus espacial ⁸ Xingu ⁹ Pigmeus ¹⁰
3. A formação do povo brasileiro	O negro no Brasil: Dias ou Zumbi? ¹¹ Negritude ¹² Miscigenação ¹³ Libertários ¹⁴
4. A economia colonial/Empresa e sociedade açucareiras	Casa-grande e senzala ¹⁵

Fonte: Momentos de observação e intervenção na pesquisa.

A presença e a rapidez da imagem e da informação constituíram desafios socioculturais na realização do trabalho, porque nos ajudaram a pensar o viver e o fazer dos homens (branco/negro/índio/mestiço) em diferentes momentos na sociedade, considerando identidade, diversidade e pluralidade cultural.

Nos filmes as imagens estão mixadas às palavras, ao som, à cor, ao movimento, que unidos ao texto escrito do *livro-texto* apresentam outras possibilidades para entender os conteúdos curriculares de forma mais dinâmica e contextualizada. A imagem mostrou a história em movimento, o ontem e o hoje, com suas permanências e mudanças.

3. VOVELLE, Michel. *Imagens e imaginário na História*. Tradução: Maria Julia Goldwasser. São Paulo: Ática, 1997. p. 31.

4. O ÚLTIMO estuário. Direção: Renato Pita. Brasil: TVEscola/MEC/FNDE/SEED, 1988. Documentário gravado do Programa Videoescola. 1 videocassete (16 min), VHS.

5. O PARAÍSO que Cabral descobriu. Direção: Roberto Werneck. Brasil: TVEscola/MEC/FNDE/SEED, 1988. Documentário gravado do Programa Videoescola. 1 videocassete (16 min), VHS.

6. AS GRANDES navegações. Brasil: Globo Ecologia/Rede Globo, 1998. Filme gravado da programação da Rede Globo de Televisão. 1 videocassete (20 min), VHS.

7. A VIAGEM de Vasco da Gama. Aventura do Descobrimento. Brasil: Globo Ecologia/Rede Globo, 1998. Série Brasil. Gravado da programação da Rede Globo de Televisão. 1 videocassete (15 min), VHS.

8. DAS CARAVELAS ao ônibus espacial. Brasil: Globo Ciência/Rede Globo. Gravado da programação da Rede Globo de Televisão. 1 videocassete (28 min), VHS.

9. XINGU. Brasil: Globo Repórter/Central Globo de Jornalismo. Filme adquirido no acervo do Programa Videoescola/TVEscola/MEC/FNDE/SEED. 1 videocassete (14 min), VHS.

10. PIGMEUS. Brasil: Globo Repórter/Central Globo de Jornalismo, 1983. Filme adquirido no acervo do Programa Videoescola/TVEscola/MEC/FNDE/SEED.

11. O NEGRO no Brasil: Dias ou Zumbi? Direção: Lúcia Murat. Brasil, 1989. Filme adquirido no acervo do Programa Videoescola/TVEscola/MEC/FNDE/SEED. 1 videocassete (13 min), VHS.

Nessa pesquisa, os filmes utilizados nas aulas de História foram classificados como documentários por fazerem parte de “uma modalidade de discurso que tende a *construir* a realidade ao invés de apenas reproduzi-la”¹⁶.

Observamos que trabalhar os conteúdos de História na 5ª série com a imagem (texto visual) é diferente de trabalhar com o texto escrito. No texto visual estão presentes palavra/diálogo, som/música, ruídos, cor, movimento e narração. Todavia, a imagem (visual) e o texto escrito apresentam inúmeras possibilidades para lidar com o processo ensino-aprendizagem, de forma dinâmica e contextualizando os conteúdos.

Os filmes sempre estavam relacionados com os conteúdos programáticos estudados. Estes ajudaram a complementar, revisar ou até mesmo, *quem sabe*, reforçar a aprendizagem dos alunos em determinados momentos, obedecendo “a uma estrutura pedagógica coerente que ligue os objetivos de aprendizagem às mensagens, mais ou menos explícitas, que constituem o cerne e a substância do seu conteúdo”¹⁷.

O ponto de convergência entre os conteúdos programáticos estudados e os dos filmes ficou estabelecido. Essa era também uma preocupação das professoras.

12. NEGRITUDE. Brasil: TVEscola/MEC/FNDE/SEED, 1988. Série Paisagens Brasileiras. Filme gravado da programação da TVEscola/MEC/FNDE/SEED. 1 videocassete (20 min), VHS.

13. MISCIGENAÇÃO. Brasil: Globo Ciência/Rede Globo, 1988. Filme gravado da programação da Rede Globo de Televisão. 1 videocassete (30 min), VHS.

14. LIBERTÁRIOS. Direção: Lauro Escorel Filho. Brasil: Embrafilmes, 1976. Filme adquirido no acervo do Programa Videoescola/TVEscola/MEC/FNDE/SEED. 1 videocassete (27 min), VHS.

15. CASA-GRANDE e senzala. Direção: Germano Sarno. Brasil: Embrafilmes, 1974. Filme adquirido no acervo do Programa Videoescola/TVEscola/MEC/FNDE/SEED. 1 videocassete (15 min), VHS.

16. BERNARDET, Jean-Claude; RAMOS, Alcides Freire. **Cinema e História do Brasil**. 3. ed. São Paulo: Contexto, 1994. p. 8. Grifo da autora.

17. ROCHA-TRINDADE, Maria Beatriz. **Imagens e aprendizagens na sociologia e na antropologia**. In: FELDMAN-BIANCO, Bela; LEITE, Míriam L. Moreira (Orgs.). **Desafios da imagem**. São Paulo: Papirus, 1998. p. 167.

Quadro 2 – Ponto de convergência entre conteúdos programáticos/filmes/desafios socioculturais

CONTEÚDO PROGRAMÁTICO	FILMES	PONTO DE CONVERGÊNCIA	DESAFIOS SOCIOCULTURAIS
A viagem de Cabral e a posse da terra	O paraíso que Cabral descobriu	O descobrimento do Brasil e os primeiros habitantes	Identidade, permanências e mudanças
	As grandes navegações	As viagens e a descoberta do novo mundo	Permanências e mudanças
	Das caravelas ao ônibus espacial	Do desenvolvimento da tecnologia das caravelas aos meios de transportes atuais	Identidade, rapidez de informação, permanências e mudanças
	Xingu	A vida dos índios e a luta pela posse da terra	Identidade, diversidade, permanências e mudanças

Fonte: Dados coletados na pesquisa (filmes utilizados para estudar um conteúdo da disciplina História).

Antes dos alunos, as professoras assistiam aos filmes e os analisavam segundo os seguintes critérios:

- a) precisão e atualização do conteúdo do filme;
- b) adequação ao objetivo que se pretende alcançar com o conteúdo estudado;

- c) adequação aos alunos, idade, conhecimento anterior, valores etc.;
- d) linguagem, imagem, som/música, atratividade;
- e) proposta implícita ou explícita de reflexão da realidade;
- f) presença de elementos valorativos e/ou ideológicos no conteúdo apresentado.

Além desses critérios, algumas perguntas foram elaboradas por elas para que se decidisse pelo uso ou não nas aulas:

- atinge o objetivo dentro do período de uma aula?
- é motivador?
- é atrativo?
- os alunos terão prazer em assistir?
- pode ser usado outras vezes sem que os alunos percam o interesse?
- apresenta desafio intelectual, análise e reflexão do momento atual, ou baseia-se numa prática repetitiva?
- explica o conteúdo que está sendo estudado?
- possibilita discussão na classe?
- propõe outros tipos de atividades e pesquisas em jornais, revistas, outros filmes etc.?

Tais considerações foram feitas não como *receitas* prontas e acabadas, mas para orientar e assegurar às professoras um ponto de partida ao desenvolvimento de suas atividades, levando em conta que o filme, em sala de aula, não deverá ser *enrolação*, *tapa-buraco*, *fetichê* tecnológico, nem mesmo deslumbramento do professor diante dessa nova forma de trabalhar. Moran¹⁸ afirma que o filme pode ser utilizado como sensibilização, ilustração, simulação, produção, conteúdo de ensino, avaliação, sem perder de vista o objetivo da aula, ajudando professores e alunos a perceber melhor as possibilidades e limites dos filmes no processo ensino-aprendizagem.

Os filmes/documentários a que os alunos assistiram foram de curta-duração – não ultrapassavam trinta minutos de exibição –, oferecendo condições para “manter focalizada a atenção e, sobretudo, extrair de cada [um] um número muito restrito de idéias fundamentais – quiçá apenas uma – para a construção da qual se articula todo o programa”¹⁹.

Os filmes apresentaram a construção da realidade da sua cidade, seu estado e país (Ilhéus, Bahia, Brasil e outros países), além de temas como: vegetação, rios, agricultura, pesca, turismo, trabalho, litoral da Bahia, primeiro povoado do Brasil, os transportes, as navegações, a vida e costumes dos índios, escravos, migrantes e imigrantes, ontem e hoje.

O documentário, gênero mais utilizado na escola e registrado com pouca frequência na preferência dos alunos, não proporciona, segundo eles, a mesma sedução, magia e fantasia causadas pela expectativa do que pode acontecer na cena seguinte, porque não apresenta um enredo com início, meio e fim, mas também mexe com o imaginário e tem “a pretensão de aliar o entretenimento à informação”²⁰.

Utilizar filmes nas aulas pressupõe acompanhar as várias linguagens (escrita, imagem, som, gestos, símbolos) presentes no cotidiano, mesmo sabendo que na

18. MORAN, José Manuel. O vídeo na sala de aula. *Comunicação & Educação*, São Paulo: CCA-ECA-USP/Moderna, n. 2, 1994.

19. ROCHA-TRINDADE, op. cit., p. 167.

20. ROCHA, Antonio Penalves. *O filme: um recurso didático no ensino de História*. São Paulo: Fundação para o Desenvolvimento da Educação, 1993. p. 13.

escola a maior preocupação é com a leitura e a escrita. Linguagens que estão inseridas no processo cultural são mediações sociais, estruturantes das relações humanas e da história dos homens, e estabelecem

um diálogo entre os textos no nível de sua produção como no da recepção. [...] diálogo com a pintura, com a música, com o cinema. Este retoma a TV, o discurso publicitário, que, por sua vez, alimenta-se de todos os outros discursos [...] que nos permitam participar do processo ininterrupto de construção do edifício sociocultural, ou melhor, da fiação da grande rede de significações que é a do conhecimento humano²¹.

A variedade de possibilidades para lidar com as linguagens no espaço da sala de aula assinala a necessidade de ter cuidado para não cair no *fetichismo tecnológico*, porque os filmes e programas de televisão, por si só, não contribuem à sedução dos discursos e não mudam o processo ensino-aprendizagem num passe de mágica.

Há um discurso de apoio e louvor ao uso das tecnologias em sala de aula, com os programas oficiais, entre eles o *Projeto TV Escola*. Porém, na prática o discurso ainda se choca com a realidade escolar. Muitas vezes, os equipamentos são utilizados para realizar tarefas de *inovação conservadora*, mudando as aparências no interior da escola, mas o uso nas aulas parece ainda registrar uma postura de transmissão e reprodução do conhecimento. Segundo Cysneiros,

[...] quando uma ferramenta cara é utilizada para realizar tarefas que poderiam ser feitas de modo satisfatório por equipamentos mais simples (atualmente, usos de computador para tarefas que poderiam ser por gravador, retroprojetor, copadoras, livros, até mesmo lápis e papel)²².

O que também fica claro nas palavras de Pretto, quando diz que

[...] não basta, portanto, introduzir na escola o vídeo, televisão, computador ou mesmo todos os recursos para se fazer uma nova educação. É necessário repensá-la em outros termos porque é evidente que a educação numa sociedade das *mass media*, da comunicação generalizada, não pode prescindir da presença desses novos recursos. Porém, essa presença, por si só, não garante essa nova escola, essa nova educação [...] ²³.

Constatamos que uma dificuldade-limite que faz com que as professoras não utilizem programas de televisão nas aulas (não usamos nenhum no período da pesquisa) é a impossibilidade de assisti-los antes da aula, para decidir se seria viável o trabalho com o programa. Outras estão relacionadas aos horários dos programas educativos nas redes de televisão convencionais. Normalmente vão ao ar quando os alunos não estão na escola e, nas suas casas, não têm o hábito de assisti-los, além das

[...] dificuldades quanto a horários (por exemplo, a dificuldade de ajustar os horários de aula das instituições educacionais aos horários da televisão); e dificuldades quanto aos ritmos de estudo e aprendizagem dos alunos, que não podem se restringir ao cronograma de uma agenda de programação televisiva (dessa maneira se produzem invariavelmente defasagens entre o ritmo de trabalho em classe e a programação educativa)²⁴.

21. WALTY, Ivete Lara Camargos. Os sentidos da leitura. *Presença Pedagógica*. n. 4, p. 33-37, jul./ago. 1995.

22. CYSNEIROS, Paulo Gileno. *Novas tecnologias na sala de aula: melhoria do ensino ou inovação conservadora*. Águas de Lindóia-SP: IX ENDIPE, 1998. p. 204.

23. PRETTO, Nelson de Luca. *Uma escola sem/com futuro*. São Paulo: Papirus, 1996. p. 122.

24. LITWIN, Edith (Org.). *Tecnologia educacional: política, histórias e propostas*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997. p. 70.

Mesmo com as desvantagens, é inegável a importância da televisão, enquanto meio de comunicação mais presente entre as pessoas e na escola, o que coloca em pauta a necessidade de uma educação de *qualidade*, na qual professores e alunos possam analisar, criticar e buscar possíveis estratégias para ensinar e aprender constantemente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A disciplina História foi escolhida por contextualizar, discutir e ajudar os alunos na construção do conceito de tempo, e por não estar distanciada de todos os outros saberes. Porém, sozinha não pode modificar o processo de ensino-aprendizagem. É preciso uma mudança de concepção dos envolvidos no fazer pedagógico para perceber as alterações presentes na sociedade, as rupturas e as conquistas humanas atuais.

Vamos registrar algumas situações interessantes no decorrer deste trabalho em relação à dinâmica das atividades e discussões realizadas nas aulas:

- a) as professoras perceberam que os alunos estavam mais participativos nas aulas, falavam, perguntavam, relacionavam o conteúdo que estava sendo estudado a partir do filme com acontecimentos da sua realidade e do seu entorno;
- b) o filme *O paraíso que Cabral descobriu* exibe imagens de pescadores em Ilhéus, falando da pesca como atividade rentável que ajuda na sobrevivência e manutenção de muitas famílias, mas mostrando também alguns problemas como concorrência, preços e devastação do meio ambiente. Os alunos conseguiram relacionar o tema do filme com o trabalho de seus pais, as dificuldades/problemas, e também com o fato de eles irem em busca de outras fontes de trabalho, até em diferentes lugares/cidades, alterando a dinâmica da vida familiar. Nesse momento, fizeram a comparação entre as permanências e as mudanças, a partir de suas próprias vivências e experiências.

Também, analisamos possíveis ganhos para os alunos e as professoras:

- *Alunos*: amplia a relação professor-aluno e aluno-aluno; estimula a curiosidade; desenvolve as idéias e o pensamento crítico; melhora a aprendizagem; propicia momentos de troca de informações; explora o ver, o ouvir, o pensar, o ler, o aprender e o expressar.
- *Professoras*: muda a dinâmica das aulas; amplia a relação professor-aluno; permite diferentes abordagens da realidade; explora o ver, o ouvir, o pensar, o ler, o expressar, o ensinar e o aprender.

Em um processo de construção do conhecimento, utilizar as diferentes possibilidades que os meios de comunicação oferecem ao enriquecimento do processo ensino-aprendizagem, sem descartar o material impresso (livros, jornais, revistas etc.), é importante para que professores e alunos aprendam vendo o mundo, fazendo mixagem entre imagem, texto e contexto sociopolítico

e compreendam os desafios socioculturais, ao lidarem com a diversidade e a pluralidade cultural na sociedade contemporânea.

Resumo: Nos últimos anos, vivenciamos mudanças perceptíveis com a implantação das tecnologias de informação e comunicação. Na escola não podemos ignorá-las (televisão, vídeo, computador etc.), porque são articuladoras de aprendizagens. Este trabalho analisa a utilização de programas de televisão e filmes. Trabalhamos com doze filmes, os quais contribuíram à discussão dos conteúdos estudados, ampliando o conhecimento sobre a História particular e de outros povos, ao observarem mudanças e permanências. Os filmes possibilitaram (re)pensar os valores locais, regionais, nacionais e mundiais. Por fim, alunos e professores aprenderam vendo o mundo, numa mixagem entre imagem, texto e contexto, não caindo no *fetichismo tecnológico*, visto que os filmes não mudarão o processo ensino-aprendizagem num passe de mágica.

Palavras-chave: televisão, vídeo, ensino de História.

Abstract: In the last years, we lived changes that are perceptible with the implantation of the technologies of the information and communication. In the school we cannot ignore them (television, video, computer, etc.) because they are articulators of learning's. This work analyzes the use of programs television and of films. We worked with twelve films which contributed to the discussion of the studied contents, enlarging the knowledge on the particular's History and of other people, observing changes and permanences. The films made possible the opportunity of (re)consider the values local, regional, national and world. Finally, students and teachers learned sells the world, in a mixing among image, text and context, not falling in the sees *technological fetishism* that the films won't change the process teaching-learning in a sleight of hand.

Keywords: television, video, teaching of History.